

JOAQUINA AFFONSO

The book cover features a vibrant sunset background with a large yellow sun on the right. A black silhouette of a person with a backpack is running across a dark, silhouetted landscape in the foreground. A large, flowing magenta ribbon curves across the middle of the cover, containing the title text. In the sky, there are silhouettes of a propeller airplane and several birds. The overall color palette is warm, with shades of orange, yellow, and magenta.

*A viagem da minha vida*

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

JOAQUINA AFFONSO



*A viagem da minha vida*

EDITORA RECANTO DAS LETRAS





JOAQUINA AFFONSO

*A viagem da minha vida*

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© Joaquina Affonso

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Vasconcelos  
1ª edição – outubro de 2019

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Affonso, Joaquina

Voando com a vida [livro eletrônico] / Joaquina Affonso. --  
São Paulo : Recanto das Letras, 2019.  
220 p.

ISBN: 978-85-7142-055-7

1. Literatura brasileira 2. Contos brasileiros 3. Affonso,  
Joaquina - Memória autobiográfica I. Título

19-2164

CDD B869

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira

“Na vida, nossos maiores tesouros são os deixados por nossos filhos, netos e amigos em nosso coração.”

A autora



# Agradecimentos

Quero agradecer a todos que sempre compartilham comigo a minha forma de viver, àqueles que me respeitam e que sempre me deram os pincéis exatos que eu precisava para fazer minha trajetória mais colorida e feliz.

Dos amigos mais antigos aos mais novos, que de alguma forma deixaram algo de bom que contribuiu para minha vida ser maravilhosa como é.

Àqueles que me enxugaram as lágrimas, àqueles que me deram bronca, aos que me ensinaram o melhor caminho e àqueles que me ajudaram a sair do pior momento. Aos que me ampararam, quando mais precisei.

Aos meus filhos queridos Marcus Glauco e Roberta Maria, ao meu filho de coração Marcelo e aos meus queridos netos Marcus Vinicius, Catharina, João Pedro e outros que ainda virão.

Às minhas irmãs de coração Maria Augusta e Dayse; ao Alfredo, Josias, Cristina, Joaquim, Wilson, Marlene, Eri-nalda (Nalda), Graça de Minas Gerais, Maria do Guarujá, Sônia de Piracicaba, Zélia Galo e Jorcenice Barbosa Silva.

Ao meu marido, Eduardo, com muito amor.

Ao Roberto Sant'Anna, pai dos meus queridos filhos, pelas informações técnicas prestadas sobre aviação e sua orientação.

A todas as minhas irmãs e sobrinhos.



Muito obrigada! De alma e coração.

E, por último, mas não menos importante, um muito obrigado ao meu amigo e mentor, que tanto me ajudou e me incentivou a escrever esse livro: Carlos Gilberto Drecksler, escritor de Gramado – RS.

Obrigada por tudo que me ensinou!

# Sumário

Memórias .....	15
Contos de criança .....	16
Os veadinhos brilhantes e a moita .....	17
A velha mala .....	19
Os pesadelos que me faziam esquecer de dormir .....	21
Onde está a calcinha? .....	22
João e Madalena, dos porcos à taboa .....	24
A cabeça de porco .....	26
Chapéu de burro .....	28
A troca .....	30
O espírito .....	33
Quem olha o rosto, vê a cara .....	36
Tempos de criança .....	38
Inocência .....	40
Carrinho de rolimã .....	42
Veneno para baratas .....	44
O ouro do capitão .....	46
Calmo, mas nem tanto .....	47


Perfume de alfazema .....	49
Nossa praça .....	51
O caminho das cabras .....	52
Lorde .....	54
Tiro na noite .....	55
Explicando palavrões .....	56
O leão da praia .....	58
Contos de adolescente .....	60
São João de horror .....	61
“Sem lenço e sem documento” .....	64
Sementes de melancia .....	67
O coral .....	69
Viver no interior .....	73
Asas de aço .....	77
Dia da viagem .....	80
Explicando o inexplicável .....	84
Impacto no ar .....	87
Viagem ao paraíso .....	90
Ases e asas de aço .....	93
Equilibrando-se em alto-mar .....	96
Os anjos existem .....	99
Eu e Nova York .....	103

As rosquinhas .....	107
A cura .....	109
O encantamento .....	114
O mistério .....	119
O que os olhos não viram .....	123
O salto .....	127
O poder .....	130
Meus filhos .....	132
Marcus Glauco .....	133
Roberta Maria .....	135
Sim .....	138
Viver .....	139
<i>Pequenos contos</i> .....	141
A carta encontrada .....	142
A chegada .....	144
A desculpa .....	146
A vida .....	148
A flor .....	150
A moça .....	152
A realidade .....	153
A viagem .....	155

As palavras e a razão .....	157
Fim .....	158
O cavaleiro .....	159
O veredito .....	161
O cartão-postal .....	163
Águas e agruras .....	166
I - A caminhada .....	166
II - A libertação .....	168
Viva .....	170
“O último conto” – No auge da solidão... ..	172
<i>Poesias</i> .....	179
A brincadeira .....	180
A cor da pele .....	181
A cura da paixão .....	182
A dança .....	184
A grama .....	185
A salada .....	186
A vida .....	189
Amigos .....	190
As rosas .....	192
Deus .....	193

Eu sou feliz .....	195
Minha pequena .....	197
Molhando o seco .....	199
No ribeirão .....	200
Nossa alegria .....	202
O beijo .....	204
O corpo .....	206
O tempo .....	207
O voo .....	208
Olhos não mentem .....	209
Rugas .....	211
Os apaixonados .....	213
Pensando .....	215
Quero você .....	217
Repassando ao futuro .....	218
Salto .....	219
Saudade .....	221
Seu olhar .....	222
Sonhando com você.....	223
Sonhos .....	224
Sua presença.....	225
Você acredita?.....	227





# Memórias



## Contos de criança

Vai chover...

Sempre gostei de chuva, mas não de garoa, gosto daquelas tempestades com raios, trovões e pingos grossos escorrendo pela janela. Quando chove, sinto Deus no coração e na minha vida e penso nas pessoas que fizeram parte do meu viver. Lá em casa, o teto era forrado com ripas, todo pintado de branco e, quando chovia, sabíamos que havia telha quebrada, pois vazava por entre as ripas, que logo ficavam amareladas.

Quando alguma telha estava rachada, colocávamos vasilhas grandes e médias, de plástico ou metal, para aparar a água que pingava. Dependendo do volume da chuva, fazia uma grande sinfonia dentro de casa e eu ficava lá, estática, só ouvindo a música e imaginado que cada pingo seria de uma cor, e assim eu tinha notas musicais coloridas, dançando e colorindo aquela sala. Quando chovia granizo, era uma festa: eu saía escondida, ficava atrás da casa e ria com a sensação de que os pássaros estavam me atirando pedras. Depois da chuva, eu voltava toda molhada, chupando as pedras de gelo que conseguia colocar no bolso da minha roupa.

Durante a noite, eu tinha febre e, no dia seguinte, não saía da cama, e assim permanecia por vários dias.



*A menina se deliciava em ver todo o céu se movimentando para ela, a esperança de viver os sonhos naquele exato momento era primordial. A essência do momento era como as recordações que ainda teria durante a sua vida.*

## Os veadinhos brilhantes e a moita

A decoração da minha casa era muito bonita. Na sala de jantar, tinha uma mesa retangular e oito cadeiras, todas forradas de veludo vermelho, eram lindas e nobres. Lembro-me bem que eram móveis pesados e escuros, talhados à mão, com grandes flores e veadinhos esculpidos em pequenos cantos. Mamã ficava por um longo tempo ali no chão, sentada, lustrando veadinho por veadinho com um chumaço de algodão embebido em óleo de peroba. Depois, levantava-se imponente, suspirando e esboçando um sorriso de glória. Então, olhava de longe, como se tivesse terminado um projeto do qual se orgulhava muito.

Quando cheguei à minha nova casa, tudo era diferente para mim. Nosso casebre anterior era feito de pau a pique e só havia um cômodo. Quando precisávamos fazer nossas necessidades, íamos até uma moita que havia no mato. Uma certa manhã, após polir os veadinhos, ela foi fazer o almoço e eu fiquei no sofá, só os observando. De repente, saltou um veadinho para o chão: ele era bem pequeno e brilhante, saltitou para lá, para cá e voltou para a porta do móvel. Levantei-me, caminhei até ele e fiquei olhando desconfiada: mexi nele e nada, estava imóvel juntos aos outros.

No outro dia, aconteceu novamente: lá estava eu, sentada no sofá, observando os peraltas saltando de um lado para o outro; sim, pois já eram três saltadores. Com o tempo, todos saíam do móvel e vinham até mim! Comecei a interagir com eles, lhes dando até nomes: o meu preferido era o Bitto, mas ele tinha seus amigos Pito e Mila. Fizemos uma amizade incrível, brincávamos o tempo todo correndo pela casa, eles saltavam no sofá e nas cadeiras de veludo,

deixando a marca de suas patinhas. Penduravam-se nas cortinas, e uma vez até se despencaram de lá.

Mamãe brigou comigo, pois descosturou em cima e, por mais que eu falasse que não havia sido eu, ela nunca acreditou. Meus amigos e eu éramos inseparáveis. Às vezes, quando eu ficava com medo de fazer algo, como subir no móvel e saltar de lá para o tapete, eles me incentivavam, mostrando-me como era fácil. Certa vez, estávamos brincando debaixo da mesa da sala e, para a infelicidade da mamãe, tivemos um pequeno acidente, pois não me lembrei do banheiro. Minha mãe descobriu o que eu e os veadinhos brilhantes havíamos feito e me puniu seriamente pela sujeira. Daquele dia em diante, eles nunca mais saíram do móvel!



*A dedicação da soberba imediata nem sempre se coloca na frente da razão, a menosprezada infância toma mais atenção com o tempo.*

## A velha mala

Meu pai sempre foi enigmático, eu sempre achei que, quando ele morresse, iria descobrir muitas coisas interessantes numa velha mala que ele guardava em cima do seu armário. Sempre que ele e minha mãe brigavam, ele corria para o armário, tirava a mala lá de cima e ficava por horas fuxicando, remexendo... E eu, entre a fresta da porta, esperando para ver o que havia de tão misterioso naquela velha mala de papelão duro. Eu o via retirando da mala uma farda toda arrumadinha e bem dobrada; uma arma grande, que ele acariciava com carinho; vários cartões-postais, os quais ele admirava um a um; algumas fotos grandes; e mais nada.

Era muito monótono e demorado, mas a curiosidade era mais forte. E quando começavam os palavrões e agressões, já me posicionava atrás da porta, esperando que ele corresse para lá após a pancadaria. Mamãe jogava tudo o que encontrava pela frente em cima do pobre coitado: panela, chaleira, tamanco, água fervendo, gato, cachorro, e tudo isso acompanhado de palavrões:

— Putanheiro, filho da puta, vai pra zona, seu safado!

— E assim era o palavreado.

Meu pai só dizia:

— Vai você, sua bruxa! Eu fui enganado, eu fui enganado! — bufava.

Na minha cabeça de criança de três anos, imaginava que, quando eles se casaram, minha mãe deveria ser uma

mulata bonita e cheirosa, que depois se transformou numa perereca verde e gosmenta.



*Às vezes, a arte do sigilo é mais importante do que a divina curiosidade, e as suposições se levantam quando o som do invisível é mais forte.*

## Os pesadelos que me faziam esquecer de dormir

Aos quatro anos, quando eu ainda não entendia exatamente por que meu pai e minha mãe brigavam tanto, tive um surto de pânico. Talvez tenha sido por causa de uma chaleira que minha mãe certa vez jogou no meu pai, lhe acertando a cabeça e provocando sangramento. Achei que ele fosse morrer nesse episódio. Corri para a calçada chorando e pensei: “Ela vai sentir minha falta e vai parar de brigar com ele, daí ele se salva”. Mas não deu certo. Então fiquei lá na calçada chorando por um bom tempo.

A briga terminou e nem sentiram minha falta, foram dormir, ainda no meio da tarde. Olhei para o céu e comecei a observar as nuvens, elas eram lindas... Às vezes, pareciam carneiros, outras uma árvore, a mais distante um macaco e até mesmo um leão de juba branca. Horas depois observei o sol, e vi que ele procurava sua caminha verde para deitar lá atrás no horizonte. Resolvi voltar e entrar para casa, pois me deu fome. Depois daquele fato, virei sonâmbula, mas meus pais só ficaram sabendo por que a vizinha, chegando de madrugada, me viu na calçada sozinha. Naquela época, não era perigoso como é hoje, o máximo que poderia acontecer seria eu acordar na calçada no dia seguinte.

Meus pais sempre me ensinaram muitas coisas e, naquele dia, aprendi que eu não era realmente o que importava para eles, também entendi que eu precisava ficar ali.



*As nuvens são eternas companheiras nos sonhos do asfalto.*

## Onde está a calcinha?

Quando eu tinha cinco anos, a amiga da minha mãe, Dona Mafalda, teve mais uma filha, a Maria Augusta. Lembro-me bem que, quando a Augusta nasceu, nossas mães, por serem muito amigas, ficavam conversando horas e horas, enquanto isso a bebê chorava — o que é muito natural, se tratando de um recém-nascido. Dona Mafalda então pedia que eu cuidasse da filhota, e colocava-me debruçada no berço da chorona, batendo nas suas costinhas, para que ela se consolasse. Eu odiava aquela pequena criatura! Minha mãe e sua amiga sempre conversavam bem animadas, riam, tomavam cafezinho, falavam das vizinhas, das roupas que tinham que costurar, falavam dos maridos e muitas coisas que eu ouvia atentamente.

Numa daquelas tardes, fiquei olhando para aquela criaturinha. Augusta era muito clara, de cabelos castanhos, lembrava-me uma história que a minha professora, Dona Marisa, havia certo dia contado na escolinha: a história da Branca de Neve e os Sete Anões. Ela era uma gracinha, e depois que Augusta adormecia eu podia sair de perto. Então eu ia para o chão, deitava-me embaixo da minha mãe e da Dona Mafalda para olhar por baixo das saias delas. Eu achava interessante que às vezes elas usavam calcinhas e às vezes não.

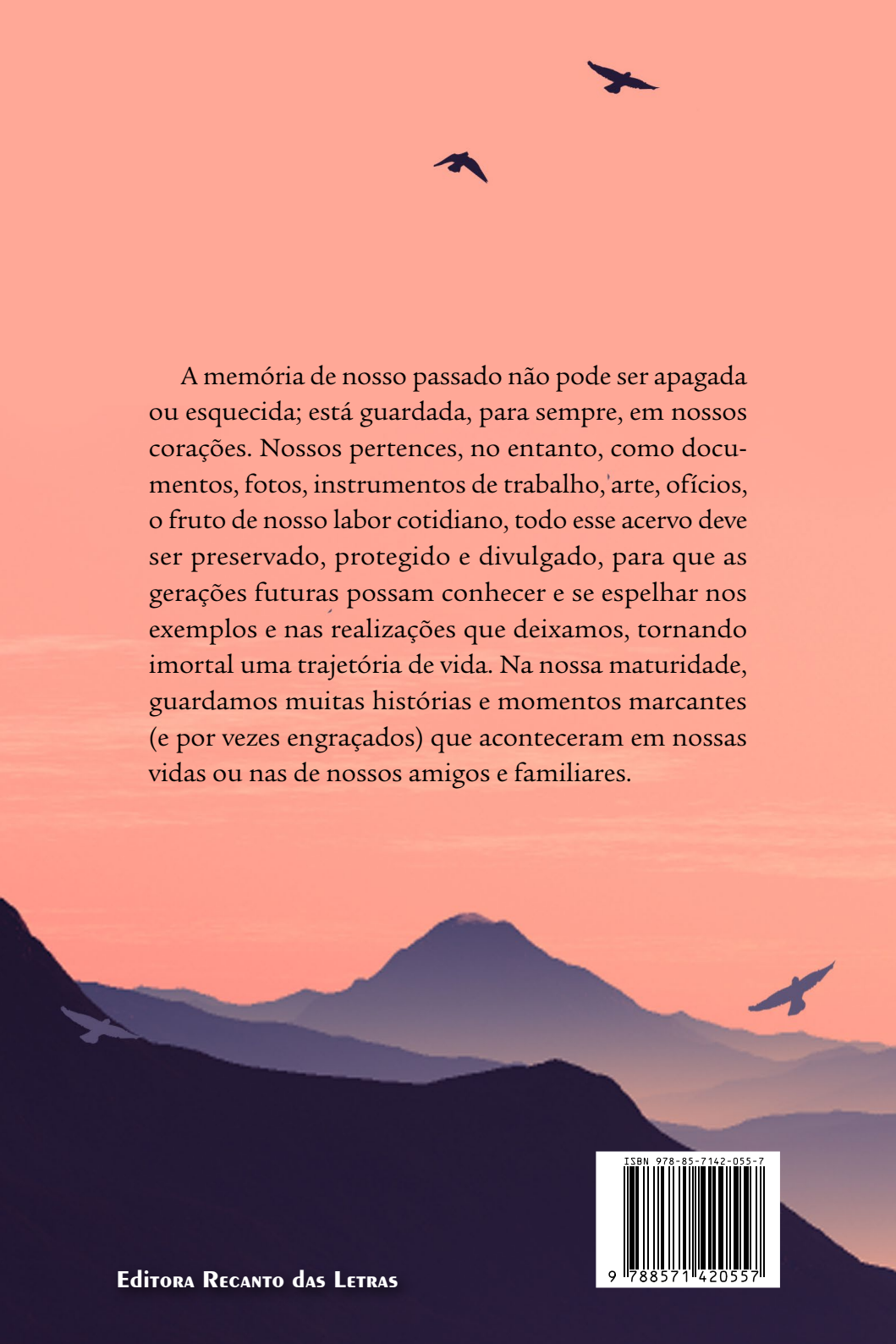
Uma vez coloquei um vestido e não vesti a calcinha, levei um tombo e minha mãe notou que eu não a estava

usando. Não entendi por que apanhei. Por que elas podiam e eu não?



*As peças se encaixam de acordo com o não esperado, as cores não são importantes para uma determinada consequência.*



The background of the page is a soft, warm sunset sky in shades of orange and pink. Several dark silhouettes of birds are scattered across the sky, some in flight. In the lower portion of the image, there are dark, layered silhouettes of mountains or hills. The text is centered in the upper half of the page.

A memória de nosso passado não pode ser apagada ou esquecida; está guardada, para sempre, em nossos corações. Nossos pertences, no entanto, como documentos, fotos, instrumentos de trabalho, arte, ofícios, o fruto de nosso labor cotidiano, todo esse acervo deve ser preservado, protegido e divulgado, para que as gerações futuras possam conhecer e se espelhar nos exemplos e nas realizações que deixamos, tornando imortal uma trajetória de vida. Na nossa maturidade, guardamos muitas histórias e momentos marcantes (e por vezes engraçados) que aconteceram em nossas vidas ou nas de nossos amigos e familiares.

